



## Apresentação

Reconfortada no colo materno ou paterno, e iluminada por qualquer fonte de luz suave, a criança adormece. Na ausência de seu olhar e, portanto, de certa forma na sua ausência, a iluminação é rebaixada ainda mais. E é nessa penumbra, quase escuridão, que ela acordará motivada pela fome, frio ou qualquer outro desconforto. Um choro será o pedido do socorro que virá "magicamente" iluminado: um dos pais acudirá a criança e para isso entrará no quarto acompanhado pela luz externa e ainda poderá acender alguma lâmpada, abajur etc. Este retorno ao aconchego e segurança do colo, sempre acompanhado de uma luz "salvadora", se repetirá muitas e muitas vezes, de tal forma que será inevitável a positivação da luz contra uma negatização do escuro. *Fiat Lux*. Tais valores relativos ao claro e escuro serão agregados às imagens de forma permanente, contribuindo na construção de todo um universo do imaginário humano a partir dessas primeiras experiências da visão. Daí surgirão toda sorte de textos arcaicos, mitológicos, mágicos, oníricos, religiosos, e também contemporâneos, artísticos, midiáticos, políticos etc. que farão valer a oposição claro-escuro, luz-sombra, luz-trevas. A essas ações Harry Pross chamou de experiências primárias ou pré-predicativas. Para ele, claro-escuro é uma das mais importantes experiências pré-predicativas que dominam o universo simbólico das imagens. As outras são dentro-fora e alto-baixo/vertical-horizontal.

Esta edição da *Ghrebh-* tomou essa questão como ponto inicial para propor o tema *Mídia, Luz & Sombra*. No artigo que abre o conjunto, Rodrigo Fonseca e Rodrigues propôs considerar um *ethos* criativo para a imagem a partir de algumas considerações de Vilém Flusser e Henri Begson tendo como mote a relação entre luz e sombra, mas propondo um olhar descolado da binariedade em que se acomodam os textos midiáticos. Se por um lado ele convoca um diálogo extemporâneo entre Flusser e Bergson, de outro é na extemporaneidade das imagens que Antônio Jackson de Souza Brandão propõe sua





"iconofotologia": uma mudança paradigmática ou alternativa que parte da obscuridade atual da iconologia, tal qual pensada outrora na história da imagem, para uma nova proposta de "preenchimento" individual do universo imagético. No terceiro artigo desta edição,

Wagner Souza e Silva traz Heidegger e Flusser para justificar a filosofia no lugar da ciência e tecnologia para designificar a binaridade matéria-espírito. Não é despropositada a opção de Flusser em eleger a fotografia para "vestir" sua filosofia da imagem em *Afilosofia da caixa-preta*, sendo a máquina fotográfica aquela que modifica a luz da realidade dentro do seu interior escuro, em todos os sentidos; e não é também despropositada a escolha de Wagner Souza e Silva, pesquisador e fotógrafo, pela imagem e produção fotográficas para "pensar o pensamento". A seguir, Alberto Klein analisa o tratamento estereotipado do fotojornalismo que retrata o mundo do Islã após o atentado de 11 de setembro de 2001, onde o Oriente é apresentado como a sombra do Ocidente.

Iniciando um segundo conjunto de textos, Fabio Pezzi Parode, Ione Benz, Alexandre Rocha da Silva elegeram representações midiáticas diversas do coelho para discutir as imagens como membranas transductivas. Um dos coelhos abordados, é representante da arte transgênica: Alba, coelho resultado de uma modificação genética para fins estéticos, é um coelho verde fluorescente, quase totalmente luz e noticiado ou divulgado em diversos suportes midiáticos, nos leva a crer por instantes de que é fruto apenas de uma reconstrução computacional. Mas e o coelho de Alice? perguntam os autores, não promoveria a mesma fuga das convenções?

Quando algumas das reflexões dos textos aqui apresentados abordam conceitos como membranas, traduções, limites e passagens, certamente estão delineando a participação de um lado em outro, uma certa permeabilidade do que separa luz e sombra, uma busca pelo pensamento complexo, embora sempre na contramão da busca pela





redução dos códigos da comunicação. Neste enfoque, Vera França e Denise Figueiredo Barros do Prado mostram a incipiente perda da hegemonia das culturas centrais para as produções culturais de periferia que começam a se apropriar de novos instrumentos comunicacionais para sair da sombra. Também nesta linha e na frente de revisão histórica do período mais sombrio do Brasil - a ditadura militar iniciada com o golpe de 1964 -, o artigo de Barbara Heller e Ferdinando Martins traz à luz a censura prévia no teatro paulista principalmente no que se refere às expressões do corpo, alargando o período para muito antes e muito depois do período da ditadura militar. No texto logo a seguir, Alberto Carrillo também evidencia o corpo, ao localizar um movimento desconstrucionista de McLuhan ao considerar a mídia como "mensagens" e como "extensões do homem", e não apenas como mídia. No último artigo, Mauro Souza Ventura apresenta um Otto Maria Carpeaux pouco tratado ou reconhecido, aquele de antes de sua chegada ao Brasil e que ele denomina de "fase austríaca", praticamente jogada à sombra pelo próprio Carpeaux posteriormente.

Esta edição da *Ghrebh-* fecha com muito pesar pelo falecimento daquele que foi um dos responsáveis pelas ideias mais profundas para a dimensão política da imagem na mídia adotadas pelos pesquisadores do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia: Harry Pross. Impossível retratar a grandeza deste homem de forma mais apropriada do que a feita por Vicente Romano, seu amigo e colaborador direto, no último texto (sessão *Memória*)...

Luciano Guimarães

